

What's in your playlist? Ensino e aprendizado de inglês no Ensino Médio Integrado

What's in your playlist? Teaching and learning English at Technical High School

Clauber Ribeiro Cruz

Doutor em Letras - Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6465-7963>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2309941498437799>
E-mail: clauber.cruz@ifrj.edu.br

Milene Francisco de Almeida

Técnica em guia de turismo (IFRJ) e estudante do curso de psicologia (UFRRJ)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2309-5879>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1724417578999610>
E-mail: milene.francisco@outlook.com

Resumo

Quando aprendemos uma outra língua, as percepções sobre a vida são ampliadas, uma vez que essa experiência auxilia na (re)construção de nossas singularidades e expande as vivências com outras formas de organizar, valorizar e dizer o mundo. Assim sendo, neste artigo, apresentaremos os resultados oriundos da realização de uma pesquisa de pré-iniciação científica, financiada pela FAPERJ, no âmbito do programa “Jovens Talentos”, evidenciando os procedimentos didático-pedagógicos diante das necessidades e lacunas linguísticas dos educandos do ensino médio integrado ao técnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, campus Resende. Portanto, ao levarmos em consideração as perspectivas em línguas para fins específicos, ou seja, perante a sondagem das necessidades linguísticas dos estudantes, elaboramos e aplicamos uma sequência didática em inglês com base na análise do perfil das *playlists* dos aprendizes, uma vez que as canções em língua inglesa estão presentes nas rotinas dos estudantes em diversos momentos, gerando memórias afetivas ou despertando sentimentos através de letras e melodias. Para tal realização, embasamos tais práticas com os seguintes estudos: *Base Nacional Comum Curricular* (2018); *A BNCC e o ensino de línguas e literaturas* (2019), de Ana Flávia Gerhardt e Marcel Amorim; *Dimensões comunicativas no ensino de línguas* (2015), de José Carlos Paes de Almeida Filho; *Toward a postmethod pedagogy* (2001), de B. Kumaravadivelu, entre outros. Nesse sentido, apresentaremos a nossa concepção sobre língua e, em seguida, o material desenvolvido para a aplicação da sequência didática, destacando as atividades aplicadas, como: imersão no espaço comunicativo, ambientação da sala de aula, contextualização da temática e letra da canção selecionada e exercícios de fixação com ênfase nas habilidades linguísticas. Por fim, com esta colaboração, esperamos maximizar a capacidade discursiva e de atuação dos educandos nas diferentes esferas do saber em sociedade, bem como na reflexão das práticas de ensino e aprendizagem em língua inglesa.

Palavras-chave: Língua inglesa. Educação. Ensino.

Abstract

When we learn another language, perceptions about life are expanded, because this experience helps in the (re)construction of our singularities and broadens our experiences with other ways of organizing, valuing and telling the world. In this article, we will present the results, which were part of a scientific research, sponsored by FAPERJ, within the “Jovens Talentos” program, highlighting the didactic-pedagogical procedures related to the needs and linguistic gaps of high school students integrated with the technician at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro, campus Resende. Therefore, when taking into account perspectives on languages for specific purposes, based on the linguistic needs of students, we develop and applied a didactic sequence in English based on the analysis of the profile of learners' playlists, due to the fact that songs in English are present in students' routines at different times, generating affective memories or awakening feelings through lyrics and melodies. In order to achieve this aim, we based these practices on the following

studies: Base Nacional Comum Curricular (2018); A BNCC e o ensino de línguas e literaturas (2019), by Ana Flávia Gerhardt and Marcel Amorim; Dimensões comunicativas no ensino de línguas (2015), by José Carlos Paes de Almeida Filho; Toward a postmethod pedagogy (2001), by B. Kumaravadivelu, among others. Hence, firstly, we will present our perception concerning the language; in the sequence, the material developed, highlighting the activities applied, such as: immersion in the communicative setting, contextualization of the theme, as well as the selected song lyrics, and exercises with emphasis on the linguistic skills. Finally, with this collaboration, we hope to maximize the discursive and acting capacity of students in the different spheres of knowledge in society, as well as in the reflection of teaching and learning practices in the English language.
Keywords: English language. Education. Teaching.

Data de submissão: 23/05/2024 | Data de aprovação: 08/10/2014

1 Introdução

Quando nos propomos a trabalhar com a língua inglesa, é muito comum ouvirmos a seguinte questão: o inglês aprendido aqui será o norte-americano ou o britânico? Possivelmente, essa indagação ocorre pelo fato de nossas práticas vincularem-se, mesmo que indiretamente, ao forte domínio político, ideológico, cinematográfico, musical, editorial, linguístico etc., que tais países têm exercido sobre o globo ao longo das últimas décadas.

Dessa maneira, com base nesse cenário, podemos dizer que, por um bom tempo, as abordagens e recursos didáticos que chegavam em nosso país cumpriam a seguinte função: apresentar a língua inglesa, muitas das vezes, desvinculada de ações comunicativas reais e autênticas de uso, já que se encontrava em seu estado descontextualizado e, portanto, em desarmonia com os aspectos socioculturais e identitários dos aprendizes brasileiros.

Nesse sentido, com o avanço natural das abordagens de ensino, com foco na percepção de que língua e realidade (local) são fenômenos inseparáveis e se prendem dinamicamente (FREIRE, p.19, 2011), as práticas didático-pedagógicas contextualizadas do idioma têm ganhado cada vez mais espaço nas salas de aula, já que é preciso assumi-las como parte do que somos enquanto falantes e aprendizes da língua-alvo. Portanto, a língua (des)estrangeira deve conter todas as nossas distorções, peculiaridades, desejos e esperanças, visto que somos o que falamos, transpassados pelas nossas identidades sociolinguísticas construídas em meio ao percurso de nossa formação.

Assim sendo, língua e identidade são inseparáveis, sobretudo no que tange à apropriação e/afetiva da língua inglesa, com o fito de nos sentirmos parte dela. Com isso, não precisamos aprender o “inglês da rainha” para sermos falantes do inglês considerado “padrão”, necessitamos, sim, reconhecer a segunda língua como parte de nós, com toda a relação sociocultural já existente em nossas práticas comunicativas da língua materna, as quais fundir-se-ão para formar esse complexo entrecruzamento intercultural, ou seja, é preciso um movimento de (des)estrangeiramento da nova língua:

Essa nova língua pode ser tida em melhor perspectiva com uma língua que também constrói o seu aprendiz e em algum momento futuro vai não só ser falada com propósito autênticos pela aprendiz mas também “falar esse mesmo aprendiz”, revelando índices de sua identidade e das significações

próprias do sistema dessa língua-alvo. A nova língua, para se desestrangeirar, vai ser aprendida para e na comunicação sem se restringir apenas ao “domínio” de suas formas e do seu funcionamento enquanto sistema. (ALMEIDA FILHO, 2015, p. 20).

Essa premissa se torna ainda mais relevante ao pensarmos pelo viés educacional, principalmente em relação à educação brasileira, na qual milhares de estudantes não teriam condições, possivelmente, de aprenderem outro idioma durante sua formação, caso não fosse ofertado por meio da Educação Básica pública.

Nesse sentido, além de oportunizar chances de (re)inserção social, notamos que o acesso a uma outra língua possibilita a autorrevisão de nossas percepções de mundo, ou até mesmo o reencontro consigo mesmo, haja vista que estaremos em constante contato com outras formas de ver, sentir e perceber as distintas nuances das relações provocadas por esse encontro, isto é: concepções de ordem social, cultural, histórica, linguística, política, entre outras.

Portanto, reiteramos a importância de aprender um outro idioma durante a formação escolar Básica Pública, pois, além dos itens já citados, propicia a criação de novas formas de engajamento, emancipação identitária e participação crítica na sociedade. Assim sendo, os envolvidos podem transformar seus espaços de convívio, bem como os rumos de seus projetos profissionais, acadêmicos e pessoais.

Levando tais fatos em consideração, neste artigo, fruto de um projeto de pré- iniciação científica, cujo título é: “*What's in your playlist?* A música como recurso pedagógico para o ensino e o aprendizado de inglês”, financiado pela FAPERJ e realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, no campus Resende, pela pesquisadora Milene Francisco de Almeida, e sob a orientação do docente Dr. Clauber Ribeiro Cruz, destacamos a importância do ensino e do aprendizado de inglês com música no Ensino Médio Integrado.

Aliado a isso, ao considerarmos as perspectivas em línguas para fins específicos, ou seja, perante a sondagem das necessidades linguísticas dos estudantes, sobretudo no que tange ao desenvolvimento das práticas autênticas da língua-alvo, elaboramos e aplicamos uma sequência didática em inglês com base na análise do perfil das *playlists* dos aprendizes, uma vez que as canções em língua inglesa estão presentes nas rotinas dos estudantes em diversos momentos, gerando memórias afetivas ou despertando sentimentos através de letras e melodias.

Com isso, almejamos desenvolver um espaço plural de desenvolvimento linguístico, com foco nas práticas sócio interacionistas, comunicativas e cidadãs, respeitando as particularidades dos envolvidos, a partir da construção conjunta desse espaço, integrando-o ao repertório sociocultural dos participantes.

Ademais, para a realização desta pesquisa, no que tange ao arcabouço teórico, houve ênfase aos estudos e discussões dos seguintes textos: *14 Science-Backed Benefits of Music Therapy and Sound Healing* (2018), de Ari Whitten; BNCC - *Base Nacional Comum Curricular* (2018); *Dimensões Comunicativas do Ensino de Línguas* (2015), de José Carlos de Almeida

Filho; *Toward a Postmethod Pedagogy* (2001), do professor Kumaravadivelu e *A BNCC e o ensino de línguas e literaturas* (2019), de Ana Flávia Gerhardt e Marcel Amorim.

Concomitantemente, estudamos a *playlist* da pesquisadora deste projeto para que, assim, o seu repertório sociocultural fizesse parte dos dados a serem analisados ao longo do desenvolvimento da proposta, já que a estudante fazia parte do público-alvo da pesquisa: os educandos do Ensino Médio Integrado do IFRJ Resende.

Na sequência, no que diz respeito ao levantamento de dados, o desenvolvimento de uma sondagem foi realizado com todas as turmas do Ensino Médio Integrado ao curso técnico em Guia de Turismo do IFRJ Resende, do ano letivo de 2022. Uma vez obtidos tais resultados, analisamos as respostas para cada pergunta feita e buscamos entender como poderíamos utilizá-las como potencializadoras da pesquisa no que concerne ao desenvolvimento de sequências didáticas integradas ao perfil sociocultural e à língua-alvo.

Por fim, a partir dos dados analisados, preparamos as sequências didáticas e as aplicamos em sala de aula. Por meio de tal diagnóstico feito, avaliamos o desenvolvimento da prática didático-pedagógica e, com base nela, realizamos a conclusão do estudo, corroborando que a canção em língua inglesa é uma ferramenta efetiva no que tange às metodologias de ensino e aprendizagem da língua-alvo.

Diante disso, de modo a apresentarmos a nossa concepção no que diz respeito ao campo linguístico, sobretudo diante do tema ensino e aprendizado de inglês com canções no Ensino Médio, na seção seguinte, discutiremos de que modo o nosso arcabouço teórico-prático contribuiu para a elaboração da sequência didática na parte *O ensino da língua inglesa e suas relações para além da sala de aula*.

Na sequência, há o destaque para o panorama estudado acerca do perfil da *playlist* dos estudantes no item *Sondagem e a sequência didática: o ensino da língua inglesa e suas relações para além da sala de aula*, seguida da aplicação e avaliação dos procedimentos elaborados.

1.1 O ensino da língua inglesa e suas relações para além da sala de aula

O direito de aprender uma segunda língua possibilita acesso aos saberes linguísticos necessários para a (re)ocupação de espaços sociais de prestígio, geralmente destinados predominantemente às classes sociais privilegiadas. Com isso, o desenvolvimento e aplicação qualitativa de projetos de pesquisa, conjuntamente às práticas de ensino, são de extrema importância para subverter tal ordem social que perdura há séculos.

Por sua vez, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 239), doravante BNCC, no eixo língua inglesa, destaca-se que ensinar inglês com essa finalidade, ou seja, concebendo a língua como uma construção social, tem três implicações importantes para a formação.

A primeira delas inter-relaciona língua, território e cultura, haja vista que os falantes de inglês já não se encontram apenas nos países em que essa é a língua oficial. Nesse sentido,

é determinante construir reflexões que questionem tais percepções, na medida em que precisamos decolonizar o pensamento, bem como as práticas de ensino. Portanto, língua, público-alvo e ações autênticas de uso precisam atuar integradamente, levando em consideração as divergências de pensamento e comportamentos sociais:

Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo (BRASIL, 2018, p. 240).

Já a segunda finalidade (2018, p. 240), por sua vez, diz respeito à ampliação da visão de letramento, ou melhor, dos multiletramentos, concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens - verbal, visual, corporal, audiovisual -, em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico.

Ou seja, uma vez que o sujeito compreende a língua como uma construção social, é determinante oferecer práticas linguísticas de (multi)letramentos, já que estamos cada vez mais imersos e dependentes do universo multicultural e digital. Nesse sentido, a educação linguística torna-se uma ferramenta crucial no que diz respeito ao acesso democrático do público-alvo, com a finalidade de que possam potencializar suas habilidades e ocupar os espaços considerados de prestígio social.

Para tanto, os sentidos criados para a aquisição da língua estarão integrados as suas vivências, tornando sua relação mais significativa, já que por meio dela poderá expressar seus valores e sentimentos diante de locais cada vez mais plurilinguísticos e multiculturais:

Nesse sentido, ao assumir seu status de língua franca – uma língua que se materializa em usos híbridos, marcada pela fluidez e que se abre para a invenção de novas formas de dizer, impulsionada por falantes pluri/multilíngues e suas características multiculturais –, a língua inglesa torna-se um bem simbólico para falantes do mundo todo (BRASIL, 2018, p. 240).

Por fim, a terceira implicação diz respeito a abordagens de ensino, isto é, para que o participante desenvolva a sua proficiência de modo satisfatório na língua-alvo, é preciso considerar o inglês como uma língua franca, ou seja, reconfigurar as percepções de que não existe um “inglês melhor”, rompendo com a ideia de que ainda impera modelos hegemônicos de falantes de inglês. Para isso, é relevante considerar revisões quanto à “correção”, “precisão” e “proficiência” linguística.

Com isso, somos desafiados a reelaborar as nossas metodologias cotidianamente, a fim de buscar por estratégias que sejam capazes de atender a tais expectativas, conduzindo os envolvidos de um mundo do conhecimento familiar para outro ainda a ser desbravado. Isto

é: em consonância com os estudos do professor Kavavillil Rajagopalan (2019, p. 33), é crucial diagnosticar de onde o público-alvo está partindo em articulação com a sua meta: “[...] o lugar onde se encontra o aluno é algo que não pode ser relegado a um segundo plano (RAJAGOPALAN, p. 33).”

Diante disso, nossa prática de docentes pesquisadores integra-se a um processo contínuo de autoaprendizagem, haja vista que lidamos com um fenômeno de grande complexidade, o qual se transforma em meio aos diversos contextos vigentes. Desse modo, necessitamos de um olhar cuidadoso, a fim de diagnosticarmos o grupo e o contexto com os quais estamos trabalhando para, posteriormente, elaborarmos abordagens e recursos didáticos eficientes e que criem conexões com as realidades dos grupos com os quais trabalhamos.

Tendo isso em vista, notamos que, ao construirmos um espaço educacional de práticas linguísticas centralizadas nas relações múltiplas que o processo de ensino e aprendizagem pode proporcionar, favorece-se o desenvolvimento autônomo, diversificado e significativo, já que a formação conjugará os aspectos locais e globais. Desse modo, o educando pode valorizar os seus próprios aspectos sócio-histórico-culturais, assim como abrir-se a novas possibilidades de (re)inserção na sociedade, reconhecendo as diferenças como um elemento inerente a uma população plural.

Para tanto, sabemos que estudar uma língua nova, embora divertido e extremamente valioso, é algo desafiador e que pode ser muito frustrante diante das dificuldades. Assim, as letras de música em língua inglesa se apresentam como uma ferramenta útil e efetiva para o aprendizado significativo do inglês, contribuindo tanto para um ensino vinculado à identificação dos sujeitos, bem como ao prazer em aprender.

Dessa forma, ouvindo as canções que gostamos — e, até mesmo, enquanto dançamos ou tocamos um instrumento — é possível aprender e tornar os dias melhores através dos hormônios da felicidade que o corpo humano libera durante tais práticas. De acordo com Whitten (2018), a musicoterapia, técnica que utiliza sons para o tratamento de doenças — influenciando diretamente neurotransmissores e hormônios que regulam nosso humor, como a dopamina, endorfina e cortisol —, influenciou nos resultados do tratamento de doenças como a depressão, Doença de Parkinson e Alzheimer; lesões cerebrais e redução nos índices de ansiedade e estresse, além de promover melhorias de habilidades comunicativas, com isso, temos:

Uma análise de 2015 do tratamento músico terapêutico para pacientes com doenças neurológicas (como acidente vascular cerebral, epilepsia, esclerose múltipla e Doença de Parkinson) descobriu que a música é um melhorador de humor válido, especialmente na redução do componente depressivo e de ansiedade, e na melhoria da expressão emocional, comunicação e habilidades interpessoais, autoestima e qualidade de vida. Ela também sugere que o processo de reabilitação de recuperação do funcionamento e

da regulação da área motora pode ser afetado positivamente por mudanças no humor. (RAGLIO, et al, 2015, p.68, apud WHITTEN, 2018, n.p.)¹

Diante disso, torna-se fulcral pontuar a vivacidade da língua inglesa associada às letras de música, visto que, além de promover o bem-estar físico e mental, o aprendizado se entrelaça com diversas áreas e repertórios, como musicais infantis e adultos, filmes, séries, uma vez que entendemos a individualidade como uma parte crucial ao considerarmos a relação do sujeito com a língua-alvo.

Dessa maneira, torna-se possível dizer que a música é uma aliada essencial para um aprendizado mais leve e intuitivo da língua inglesa, sendo capaz de colaborar com a construção de elementos fundamentais do idioma, como expressões idiomáticas, movimentos culturais, acontecimentos históricos, políticos e sociais. Além de promover uma maior qualidade de vida, por meio dos hormônios de felicidade liberados pelo exercício e o estímulo dos neurotransmissores.

Diante disso, retomando o debate realizado por meio da BNCC (2018), apesar dos pontos positivos que o documento traz como objetivo, é necessário reconhecer as limitações que impedem o ensino e o aprendizado da língua inglesa de forma ampla e diversa. Uma dessas problemáticas, por exemplo, é o princípio de unificação de ensino proposto, que se torna insustentável ao não considerar as diferentes realidades — culturais, econômicas e sociais, por exemplo — em um país que possui a diversidade como uma parte fundamental de sua identidade.

Nesse sentido, ao criarmos um ensino padronizado e unificado, sem considerar os variados assuntos que podem contribuir — ou atrapalhar — para o desenvolvimento do aprendizado desses estudantes como indivíduos com vivências distintas, cria-se um limite para tais práticas, além da exclusão da individualidade dos estudantes, assim como aponta Gerhardt e Amorim, no estudo sobre *A BNCC e o ensino de línguas e literaturas*:

Embora esta parte do documento aborde aspectos que são coerentes com o ensino de língua inglesa na atualidade, não podemos deixar de frisar que as pretensões da BNCC, de homogeneização do ensino nacional, propondo aprendizagens essenciais aos educandos, não respeitam as particularidades/diversidades das distintas localidades dos espaços educacionais do Brasil. Tal documento sugere que os educandos da Educação Básica tenham “aprendizagens essenciais” para sua formação, mas o que seriam essas aprendizagens essenciais? Essenciais para quem exatamente? Utilizar o mesmo formato para um país tão diverso e desigual com o nosso, sem promover o diálogo, só aumentará as lacunas que tangem à formação integral dos estudantes. (AMORIM; GERHARDT, 2019, p.18).

¹ A 2015 review of music therapy treatment for patients with neurologic diseases (such as stroke, epilepsy, multiple sclerosis, and Parkinson's disease) found music-based to be a valid mood enhancer, especially in the reduction of the depressive and anxiety's component, and in the improvement of the emotional expression, communication and interpersonal skills, self-esteem and quality of life. They also suggest that the rehabilitative process of regaining motor area functioning and regulation can be positively affected by changes in mood. (RAGLIO, et al, 2015, p.68, apud WHITTEN, 2018, n.p.).

Dessa forma, é possível apontar uma outra barreira que dificulta a integração dos estudantes: a padronização linguística que impera na sociedade. É necessário desmistificar a visão de que, para ser um falante proficiente, é preciso o domínio pleno do idioma, isto é, com uma pronúncia tal como dos falantes que têm o inglês como língua materna, bem como no que diz respeito a comum confusão entre língua e gramática.

Culturalmente e historicamente, como é possível notar ao longo das práticas metodológicas de ensino e aprendizagem de inglês, é propagada a concepção de que o inglês correto se atém ao estadunidense e/ou britânico, apagando diversos aspectos que compõem os falantes ao redor do globo — como a territorialidade, cultura e sua individualidade, por exemplo — desvalorizando-os, portanto.

Por sua vez, é necessário notar que a língua inglesa se tornou um fenômeno — assumindo o *status* de língua franca — por conta da facilidade com que ela promove a integração entre as pessoas em diversos contextos sociais e políticos; além disso, auxilia no impulsionamento emancipatório e desenvolvimento formativo de seus falantes, sendo uma aliada ao legitimar as diferentes realidades e perspectivas, contribuindo para a quebra de barreiras que, de certa forma, impedem uma maior conexão entre as pessoas e promovendo o respeito e o reconhecimento às outras culturas.

Todavia, ainda que a potencialidade que a língua inglesa atribua aos estudantes seja algo reconhecido, esse conhecimento não se reflete em boa parte da população. Segundo o estudo realizado pela instituição *British Council* (2013)², cerca de apenas 5% da população brasileira possui a habilidade de se comunicar em inglês, sendo menos de 1% fluente.

Como é possível notar, o ensino de inglês ainda é um privilégio elitizado, já que a maior parte da população não possui condições financeiras para pagar por cursos privados, ao passo que o ensino nas escolas públicas apresenta falta de materiais adequados, pouquíssimo tempo de aula para o aprendizado e os docentes não têm uma formação contínua adequada. Ademais, normalmente, esses profissionais têm diversas turmas, com muitos educandos e, como consequência, em função da baixa remuneração, têm que trabalhar em mais de uma escola.

Ainda vale destacar as situações precárias que a rede pública enfrenta para se manter em funcionamento, além dos diversos motivos que atingem os estudantes em seu contexto pessoal e social, como o fato de que as pessoas mais pobres não desfrutarem de benefícios que ajudam em seu desenvolvimento. Só para citar alguns exemplos, temos: a falta de acesso a conteúdo cinematográfico, livros e internet, assim como poucos têm condições financeiras de ver filmes legendados.

Retomando, portanto, a compreensão de que, assim como outros diversos elementos, a língua é parte fundamental da identidade e fruto de construção social, torna-se ainda mais clara a importância do significado do termo “língua franca”. Ao reconhecer esse título e seu

² Instituição pública britânica voltada para a difusão do conhecimento de língua inglesa e sua cultura por meio de atividades de formação e educativas. A matéria citada pode ser encontrada no site: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/apenas-5--dos-brasileiros-falam-ingles-ek15nlmtwge6x2pk5fzohmhpj/>.

valor como construção social, entendemos a língua como algo vivo, que se transforma ao longo dos contextos históricos e que, além disso, permite que façamos múltiplas interpretações diante de nossas sensações e visões de mundo.

Assim sendo, utilizando os valores e as diferentes bagagens pessoais de seus falantes, a educação linguística e as práticas de multiletramento — levando em consideração as linguagens verbais, visuais, corporais e audiovisuais — se apresentam de forma essencial para que haja a democratização do ensino em língua inglesa, potencializando as capacidades e possibilitando oportunidades, com isso, temos:

Nesse sentido, ao assumir seu status de língua franca — uma língua que se materializa em usos híbridos, marcada pela fluidez e que se abre para a invenção de novas formas de dizer, impulsionada por falantes pluri/multilíngues e suas características multiculturais —, a língua inglesa torna-se um bem simbólico para falantes do mundo todo. (BRASIL, 2018, p. 240).

Portanto, evidencia-se a necessidade e a relevância da língua inglesa para a construção de uma sociedade que caminha para a evolução e que torna as diferenças e individualidades algo valioso, deixando para trás a exclusão. O aprendizado do inglês não apenas favorece oportunidades de uma melhor qualidade de vida, mas, também, impulsiona os cidadãos para que se engajem em causas importantes e estimulem o senso crítico, assim como a busca por conhecimento e a potencialização dos indivíduos e suas capacidades.

Dessa forma, chegamos a um dos principais pilares quando o assunto concerne ao aprendizado de uma nova língua: a comunicação. Presente desde o início da civilização humana e fundamental durante nossa evolução, a interação entre indivíduos não apenas consolida as relações humanas desde a infância, como, também, faz parte do desenvolvimento de novas habilidades linguísticas e físicas — afinal, é através da linguagem verbal e não-verbal que conhecimentos de variados tipos são construídos.

A partir disso, partilhando o entendimento da importância da comunicação — ou seja, algo que parte da espontaneidade e criatividade —, é possível apontar um dos fatores principais para a construção de um ensino adequado e eficaz: a metodologia aplicada. Ao analisarmos um livro de ensino da língua inglesa, em sua grande maioria, nos deparamos com estruturas e sistemas pré-desenvolvidos e moldados, pensando em um aprendizado simplificado e objetivo, visando a capacidade de uma comunicação de fácil domínio e híbrida, podendo ser aplicada em mais de uma situação.

Ou seja, ainda que os materiais gramaticais sejam essenciais para a compreensão morfológica da língua — regras gramaticais, construção de palavras etc. —, eles se tornam limitados se não forem contextualizados, uma vez que o objetivo é uma comunicação fluente e bem articulada.

Por meio dessa concepção, compreende-se a necessidade de um ensino capaz de desenvolver não apenas as funções gramaticais, mas, também, de produzir experiências

comunicativas entre estudantes que desenvolvam a oralidade e estimulem-nos a se envolver nessas interações mais profundas.

De acordo com Almeida Filho (2015, p.58), a abordagem comunicativa se baseia em materiais e metodologias que promovem a reflexão e interação na língua estrangeira, possibilitando a prática de aprendizados através desses materiais que os estudantes reconhecem como importantes e válidos para seu aprendizado e crescimento intelectual. Isso significa não apenas o incentivo através de experiências relevantes, mas, também, uma abordagem que compreende as necessidades dos estudantes utilizando ambas as partes que estruturam a língua-alvo, desse modo, temos:

Num primeiro sentido, ser comunicativo significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da LE. Isso implica menos ênfase no ensinar e mais nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa. (ALMEIDA FILHO, 2015, p.67).

Como relata Almeida Filho, uma vez que enxergamos e abrimos espaço para que a bagagem individual de cada educando seja validada, a comunicação deixa de ser apenas uma forma de se relacionar com outro sujeito e se transforma em uma ferramenta de expressão e liberdade, servindo como um trampolim para que se sintam mais próximos e abraçados pela experiência.

De maneira análoga, o autor indiano Kumaravadivelu disserta em sua teoria — *Toward a Postmethod Pedagogy* (2001) — sobre um modelo educacional da língua inglesa que, objetivando um aprendizado efetivo do idioma, não apenas inclua questões referentes a estratégias de sala de aula, materiais instrucionais, objetivos curriculares e medidas de avaliação, mas também amplas experiências históricas, políticas e socioculturais que influenciam direta ou indiretamente a educação de uma segunda língua.

Ou seja, considerando as vivências individuais dos educandos e suas relações como uma das ferramentas que auxiliam nesse processo e, além disso, colocando discentes e docentes em posição de cooperação e co-exploração da língua, tal como do desenvolvimento do ensino e sua aplicação.

É importante ressaltar, também, que, para o pesquisador/aprendiz, um dos fatores cruciais para o aprendizado refere-se a um ambiente amigável, convidativo e confortável, em um processo em que todos sejam bem-vindos, já que um espaço estressante pode gerar sérias barreiras psicológicas para a aquisição do conhecimento.

Perante isso, a princípio, é necessário que entendamos a pedagogia do pós-método, proposta por Kumaravadivelu, como um sistema tridimensional que consiste em três parâmetros pedagógicos: particularidade, praticidade e possibilidade.

No que concerne ao eixo da particularidade, o autor acredita que ela se inicia na observação de professores acerca de seus métodos na sala de aula, avaliando problemas, soluções e identificando aquilo que funciona ou não.

Assim, uma vez que a prática em sala de aula e o reconhecimento de estratégias que abrangem todos os estudantes ao levar em consideração as suas particularidades, — sejam socioculturais, políticas, linguística local etc. — torna-se possível a formulação de um ensino que, tendo docentes e discentes como participantes ativos e importantes, atinja uma efetividade maior e melhor consolidada.

A partir disso, cabe dizer que a particularidade e a praticidade caminham juntas, já que o entendimento das necessidades e métodos só são compreendidos uma vez que conhecidos por meio da experiência em sala. Em sua pesquisa, Kumaravadivelu ainda destaca o professor como um dos pontos centrais da Pedagogia do Pós-Método — visto que todo o processo de aprendizagem o inclui de forma essencial, sendo o principal mediador do contato entre estudante e a língua e, conseqüentemente, uma fonte de experiência e conhecimento para os educandos —, abordando, especialmente, a importância da discussão sobre a relação entre a prática e a teoria e o vínculo de educadores.

Para o autor (p. 541, 2001), essa prática busca superar certas defasagens que a relação entre teoria e a sua aplicação em sala de aula possuem, uma vez que encoraja a autonomia de docentes para não apenas aplicar teorias existentes, assim como ressalta a importância de que os educadores de professores legitimem suas vozes e experiências como forma de apoiar suas identidades e incentivar o pensamento crítico para que desenvolvam sua própria prática de ensino, sendo, por sua vez, capazes de avaliar situações em sala de aula e aprimorar suas habilidades e métodos. E, a partir disso, explorá-las individualmente de forma prática, a fim de adaptá-las e maximizá-las em sua sala de aula:

Se o conhecimento pedagógico sensível ao contexto tiver de emergir dos professores e da sua prática de ensino cotidiana, então estes deverão ser ajudados a tornarem-se indivíduos autônomos. Este objetivo não pode ser alcançado simplesmente pedindo aos professores que coloquem em prática teorias concebidas e construídas por outros. Só pode ser alcançado ajudando os professores a desenvolver o conhecimento e a habilidade, a atitude e a autonomia necessárias para construir o seu próprio conhecimento pedagógico sensível ao contexto, que tornará a sua prática de ensino cotidiano um esforço que vale a pena. (KUMARAVADIVELU, 2001, p. 541)³

Entende-se, portanto, que a teoria da pedagogia da prática concerne a algo vivo, fluido e que se aprimora de acordo com as necessidades de cada indivíduo; um ciclo de aprendizado e ensino entre docentes, discentes e, até mesmo, os educadores de professores. Ademais, ressalta-se a importância de que os docentes enxerguem a pedagogia não só como uma forma de alavancar oportunidades de ensino em sala de aula, mas, também, como um modo de compreender e transformar possibilidades dentro e fora dela.

³ If context-sensitive pedagogic knowledge has to emerge from teachers and their practice of everyday teaching, then they ought to be assisted in becoming autonomous individuals. This objective cannot be achieved simply by asking teachers to put into practice theories conceived and constructed by others. It can be achieved only by helping teachers develop the knowledge and skill, attitude, and autonomy necessary to construct their own context-sensitive pedagogic knowledge that will make their practice of everyday teaching a worthwhile endeavor. (KUMARAVADIVELU, 2001, p. 541).

Nesse sentido, tais conceitos abrem portas para transformar-se na pedagogia da possibilidade, por meio da qual o autor discursa, principalmente, sobre a identidade individual e a forma como a conexão entre as experiências pessoais e a língua promovem um aprendizado mais unificado, estimulando a construção de conhecimento e desenvolvimento crítico-social e, conseqüentemente, um diálogo mais convidativo e atrativo entre as partes — docentes, discentes e educadores de professores —, transformando não apenas a realidade dentro da sala de aula, mas possibilitando uma nova visão de mundo também do lado de fora para todos envolvidos no processo, por meio da exploração de sua própria identidade em posições iguais de aprendizado:

Em outras palavras, os professores de línguas não podem esperar satisfazer plenamente as suas obrigações pedagógicas sem, ao mesmo tempo, satisfazer as suas obrigações sociais. Eles serão capazes de conciliar estas forças aparentemente concorrentes se alcançarem uma consciência cada vez mais profunda da realidade sociocultural que molda suas vidas e da sua capacidade de transformar essa realidade. (VAN MANEN, 1977, p. 222, apud KUMARAVADIVELU, 2001, p.8)⁴

Por fim, temos o papel do educando do Pós-Método, que não deve se contentar apenas com o material exercido em sala de aula, mas, também, deve ser autônomo e ávido por conhecimento, sempre atento ao seu progresso de aprendizado e buscando maior rendimento e conhecimento, participando de eventos culturais e sociais e fazendo testes regularmente, por exemplo.

Conclui-se, portanto, que ao discutirmos sobre a língua inglesa e seu ensino, tem-se como necessária a compreensão de que a língua-alvo não se limita apenas ao estudo estrutural, bem como a metodologias pré-concebidas, uma vez que o processo didático-pedagógico atinge camadas profundas que agem, diretamente, na formação dos indivíduos, ou seja: encorajando-os ao crescimento e desenvolvimento crítico-social e, também, na importância da humanização e empatia no processo de aprendizagem, que promove uma aproximação e identificação entre língua e estudante.

Dessa maneira, após expostos os pressupostos teóricos que baseiam este estudo, na seção seguinte, ilustramos como aplicamos tais conceitos na construção de nossa sequência didática, diante do levantamento e análise dos dados da *playlist* dos estudantes. Além disso, destacamos como tal metodologia é fundamental ao considerar o estudante como um ser social, político e cultural, uma vez que almejamos, com isso, alcançar o objetivo central deste estudo: maximizar as potencialidades discursivas e de atuação dos sujeitos.

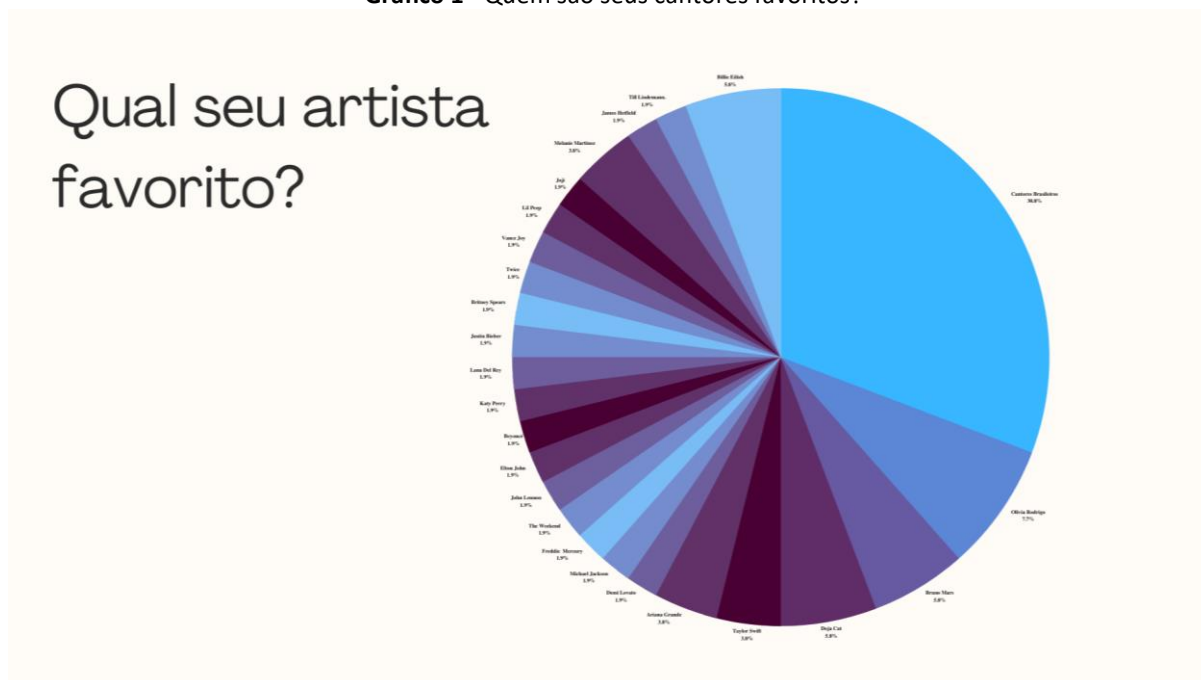
⁴ In other words, language teachers cannot hope to fully satisfy their pedagogic obligations without at the same time satisfying their social obligations. They will be able to reconcile these seemingly competing forces if they “achieve a deepening awareness both of the sociocultural reality that shapes their lives and of their capacity to transform that reality” (VAN MANEN, 1977, p. 222, apud KUMARAVADIVELU, 2001, p.8).

2 Sondagem e a sequência didática: o ensino da língua inglesa e suas relações para além da sala de aula

Com o intuito de analisar o perfil musical dos estudantes do Ensino Médio Integrado ao curso Técnico em Guia de Turismo do IFRJ Resende para a construção de nossa sequência didática, já que considerar o local e o repertório onde se encontra o estudante é algo que não pode ser deixado a segundo plano, tal como nos ensina o professor Kavavillil Rajagopalan (2019, p. 33), a pesquisa foi feita com vinte e seis educandos⁵ dos primeiro, segundo e terceiros anos, no ano letivo de 2022, por meio de uma sondagem, para que, dessa forma, conseguíssemos analisar as respostas para compreendermos como é constituído o perfil musical dos participantes, frisando a nossa concepção de língua que integra sujeito e sociedade.

A seguir, vamos observar alguns dos resultados e análises dos gráficos e tabelas baseados na sondagem supracitada:

Gráfico 1 - Quem são seus cantores favoritos?



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 1, os artistas citados foram: Olivia Rodrigo (7,7%), Bruno Mars (5,8%), Doja Cat (5,8%), Taylor Swift (3,8%), Ariana Grande (3,8%), Demi Lovato (1,9%), Michael Jackson (1,9%), Freddie Mercury (1,9%), The Weeknd (1,9%), Elton John (1,9%), John Lennon (1,9%), Beyoncé (1,9%), Katy Perry (1,9%), Lana Del Rey (1,9%), Justin Bieber (1,9%), Britney Spears (1,9%), Twice (1,9%), Vance Joy (1,9%), Lil Peep (1,9%), Joji (1,9%), Melanie Martinez (3,8%),

⁵ Devido ao período pandêmico recente, nosso calendário acadêmico divergiu do período regular de matrícula das demais redes de ensino, ocasionando uma baixa quantidade de discentes ingressantes durante esse intervalo.

James Hetfield (1,9%), Till Lindemann (1,9%), Billie Eilish (5,8%) e os cantores brasileiros (30,8%).

É possível notar que, embora grande parte dos pesquisados desfrutem mais de cantores brasileiros, 30,8%, as músicas de língua inglesa dominam a preferência musical dos estudantes, possuindo mais de 60% do índice. Quando perguntados sobre o motivo da escolha, foram citados: a melodia das músicas do cantor em questão, influência de amigos e familiares, o apego emocional por crescer ouvindo as músicas, bem como a sensação que elas e suas letras proporcionam, como a vontade de cantar e dançar, por exemplo, e, especialmente, a autoidentificação com o cantor — estilo musical, personalidade, letras etc. Assim, compreende-se a importância do fator emocional e conexão com as músicas para o estímulo do gosto musical.

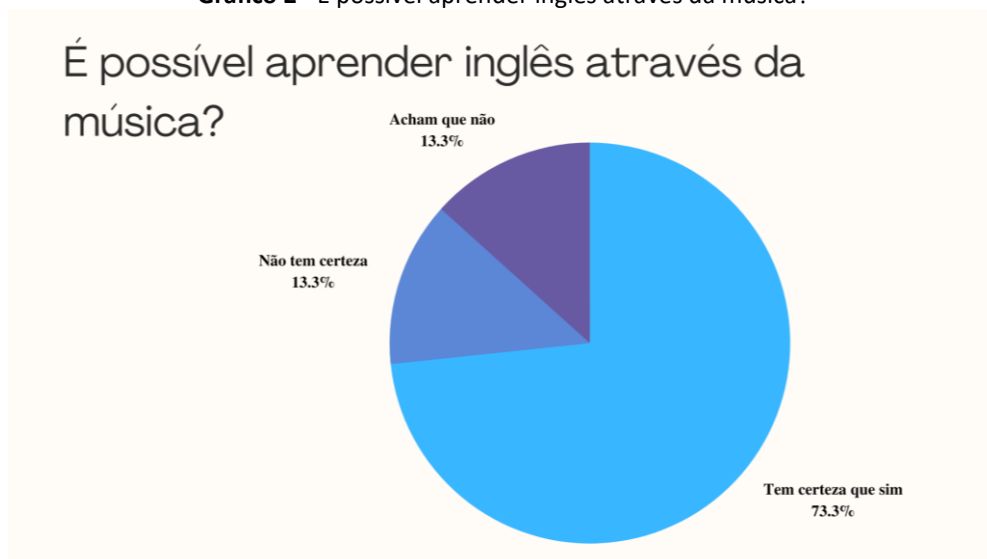
Tabela 1 - Como foi o seu primeiro contato com a língua inglesa?

Não se lembram	6
Através de músicas	5
Através de desenhos	4
Cursos de inglês tradicionais	4
Na escola	3
Através de séries e filmes	2
Através de jogos	2
Através da família	2
Através do youtube	1
Através de brinquedos	1

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível perceber, grande parte dos estudantes teve esse primeiro contato com a língua inglesa por meio das ferramentas audiovisuais, como músicas, séries, jogos, desenhos animados, entre outros, fato este relevante se considerarmos que, por meio do avanço da revolução tecnológica, elas se tornaram objetos comuns do cotidiano. Logo, se mostra relevante o posicionamento de autores como Kumaravadivelu (2001) em sua busca de tornar o aprendizado da língua estrangeira em um formato adequado e adaptado ao estudante, visto que os participantes que aprenderam através da tecnologia e, por conta própria, desenvolveram uma melhor relação com a língua-alvo.

Gráfico 2 - É possível aprender inglês através da música?



Fonte: Elaboração própria.

As respostas referentes a esta pergunta dizem que eles acreditam, sim, ser possível. Os participantes reforçam o quanto ouvir uma canção melhora a habilidade de compreensão oral da língua. É dito ainda que, além disso, ouvir letras em inglês aumenta o vocabulário e ajuda a melhorar a pronúncia de algumas palavras, entretanto, é citado também que, apesar de ajudar com o vocabulário, ouvi-las pode não auxiliar tanto a entender as estruturas gramaticais da língua. Tendo isso em vista, é possível, por exemplo, utilizar as letras das canções integradas aos conceitos gramaticais contextualizados, procurando dar função efetiva ao aprendizado e à compreensão comunicativa da língua.

Em conclusão, por meio da análise geral dos dados, percebemos que entre os estudantes pesquisados as canções em inglês são vistas como uma aliada para diversos momentos e fases da vida, marcando memórias, vínculos afetivos, amadurecimento individual e até mesmo o processo de aprendizado de uma língua.

Assim sendo, compreende-se que a música e a língua inglesa caminham juntas no que concerne ao gosto e ao aprendizado, sendo uma via importante que conecta o indivíduo às canções e à segunda língua, além do conhecimento, criatividade e à sua própria formação como pessoa. Nesse sentido, na próxima parte do artigo, apresentaremos a sequência didática elaborada com base nos dados e estudos realizados no período vigente do estudo.

2.1 Aplicação da sequência didática

Tendo em vista que o nosso objetivo com a construção e aplicação da sequência didática apresenta a língua como uma construção social, esta proposta almeja desenvolver um espaço plural de desenvolvimento linguístico, com foco em práticas sócio interacionistas, comunicativas, autênticas e cidadãs, respeitando as particularidades dos envolvidos a partir

da elaboração conjunta de ações didático-pedagógicas que integrem o repertório sociocultural dos participantes, neste caso, o perfil de suas *playlists*.

Desse modo, a elaboração desta sequência didática apresenta procedimentos que reforçam e legitimam as vozes dos participantes, a partir de suas experiências e necessidades na língua-alvo, aliada a um ambiente convidativo e confortável para o desenvolvimento e aprimoramento das proficiências linguísticas.

Para tanto, apresentamos um espaço ambientado à temática da aula, já como elemento motivador inicial imersivo para a aplicação da sequência didática. Além disso, os demais procedimentos visam estimular o uso comunicativo contextualizado da língua-alvo, como: apresentação indutiva da temática e letra da canção a ser trabalhada, leitura e debate gerados a partir da letra e ao tema da canção, assim como o desenvolvimento de exercícios de fixação com ênfase nas habilidades linguísticas, como escrita, leitura e oralidade.

Assim sendo, diante dos dados adquiridos por meio desta sondagem, foi construída uma aula com objetivo de proporcionar uma experiência entre a letra da canção e o ensino da língua inglesa para os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio Integrado do campus Resende. Como tema, foi escolhida a investigação criminal, sendo ela baseada numa narrativa criada através da canção *Look What You Made Me Do* (2017), da cantora estadunidense Taylor Swift.

Para tanto, o primeiro passo realizado foi a construção de uma sala ambientada para a recepção dos estudantes. Nesse sentido, foi posicionando um projetor no centro da sala, as cadeiras foram postas no formato de um semicírculo, as paredes foram decoradas e setorizadas com cartazes de figuras icônicas do cinema — tendo um setor para aqueles personagens que desapareceram em uma região, como os casos ainda em aberto, assim como grandes vilões procurados pela polícia em outra parte da parede. Além disso, uma área foi separada para casos criminais fictícios sem conclusão. Tal estratégia tem o objetivo de criar um espaço de imersão natural dos participantes no cenário criado pela atmosfera temática da canção, isto é: os mistérios que envolvem a investigação de um crime.

A partir disso, foi feita a recepção dos estudantes e, então, iniciou-se o processo de imersão na temática. Assim que todos se acomodaram, realizamos uma breve apresentação acerca dos cartazes nas paredes, revisitando cada caso com o auxílio de uma lanterna como forma de trazer os presentes para dentro do universo e instigar sua curiosidade sobre o que estava por vir.

Após esse momento, passamos para uma dinâmica inicial utilizando a mímica como forma de criar e fortalecer a conexão do educando com o conteúdo, visando um maior conforto e preparo para a proposta. A dinâmica consistiu na escolha voluntária da participação dos educandos em retirar um dos papéis sobre a mesa — que continham trechos em inglês de canções famosas das animações infantis da *Disney* —, com o desafio de descobrir a qual musical pertenciam e, assim, fazer com que seus colegas buscassem a resposta por meio da mímica.

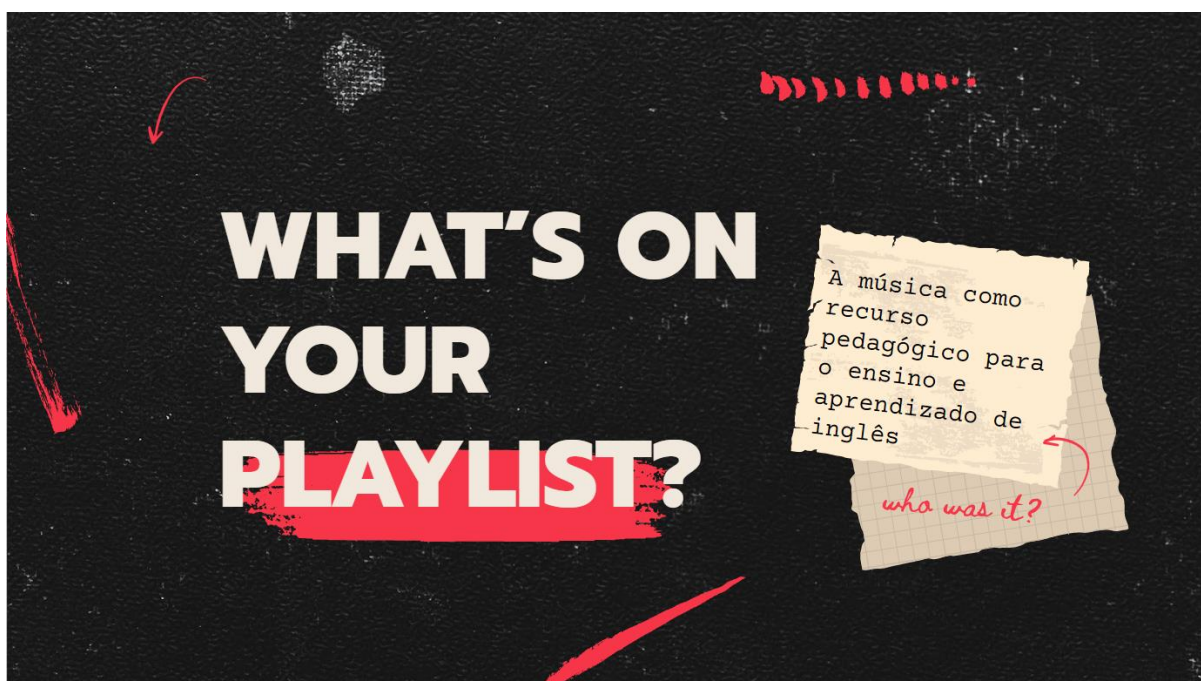
Desse modo, a próxima etapa foi a apresentação do tema central da aula. Para isso, envelopes numerados de 1 a 17 foram lançados no centro do círculo e cada estudante coletou

um para si. Diante disso, partimos, então, para uma breve contextualização sobre o enredo da apresentação, por meio da qual eles seriam os agentes responsáveis pela resolução de um caso policial antigo que obteve novas evidências, baseado em uma canção da língua inglesa, que lhes seria apresentado a seguir, sendo cada envelope uma parte do quebra-cabeça.

Assim sendo, cada educando foi incentivado a ler em voz alta o texto escrito em inglês que estava em seu envelope, sendo a participação e tentativa a parte mais importante do processo. Vale ressaltar que houve a disponibilidade e o incentivo de pedir ajuda para a pesquisadora e para os outros colegas, caso necessário.

Em seguida, iniciamos a apresentação de slides — cada número das pistas correspondia a um deles, de acordo com a sequência cronológica —, utilizando um fundo sonoro investigativo para maior imersão. A seguir, estão alguns dos materiais utilizados na apresentação:

Imagem 1 - Slide de abertura da apresentação



Fonte: Elaboração própria.

Primeiramente, tem-se o slide de abertura da apresentação, contendo o nome da pesquisa e um *design* projetado para a temática.

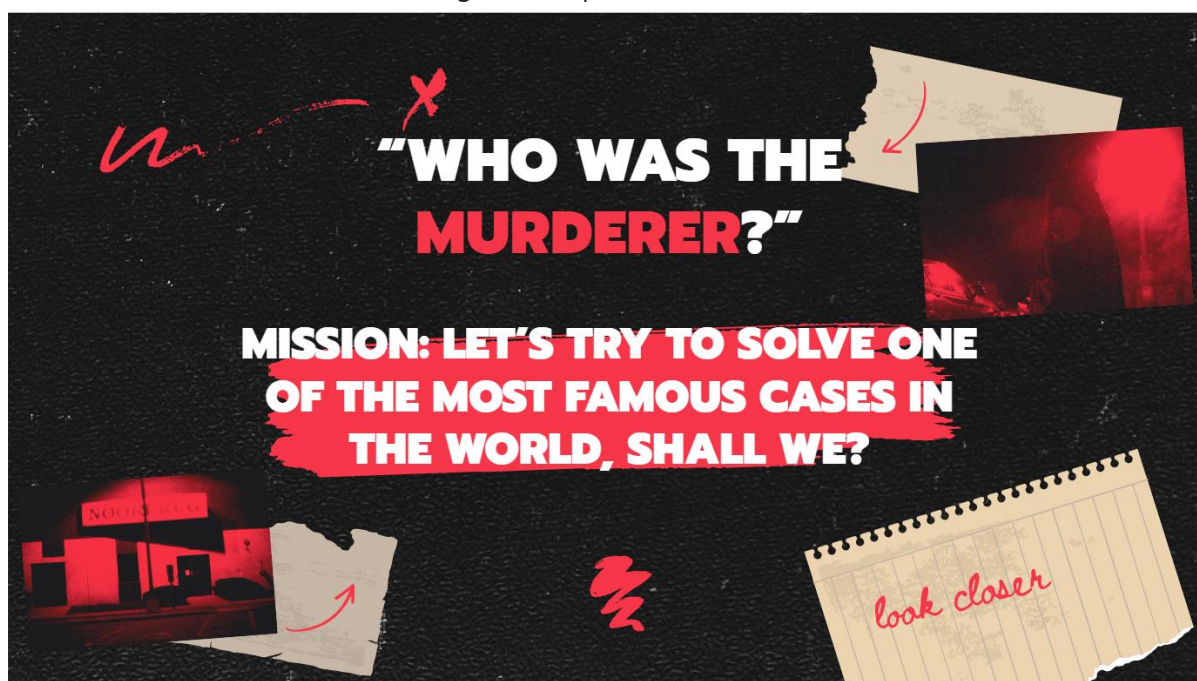
Imagem 2 - Slide acerca de uma pergunta do gosto musical dos educandos



Fonte: Elaboração própria.

Neste slide, como é possível notar, temos uma das pistas, que consistia em uma pergunta acerca do gosto pessoal dos educandos, como forma de deixá-los confortáveis com a experiência gradualmente.

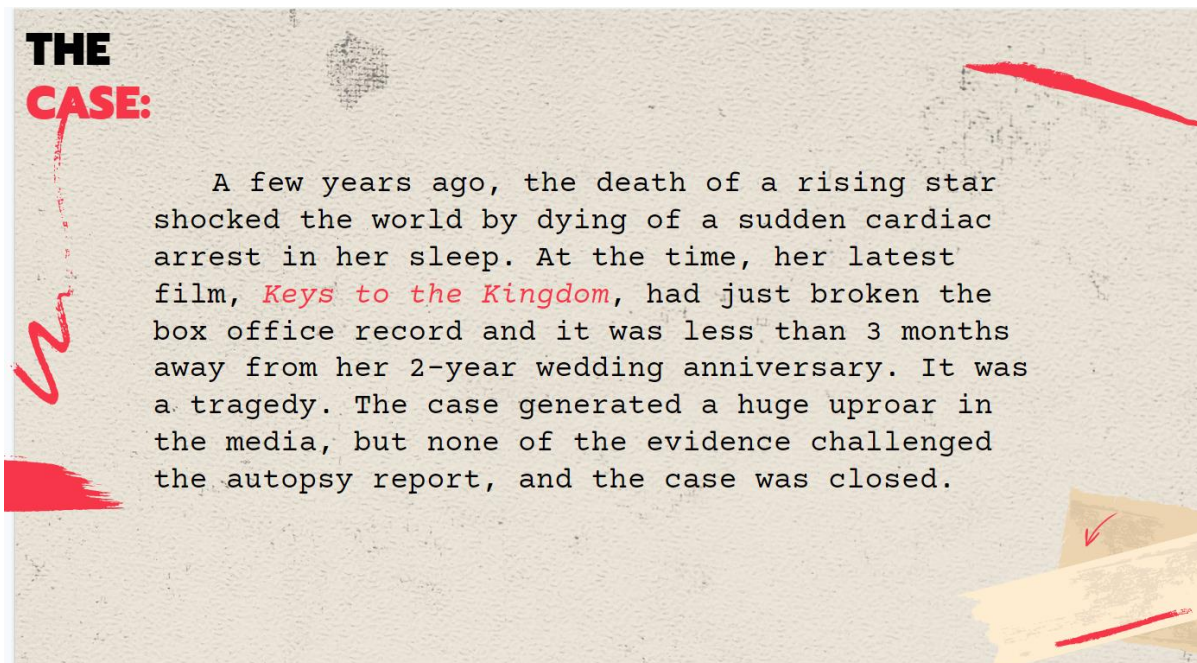
Imagem 3 - Proposta oficial a ser resolvida



Fonte: Elaboração própria.

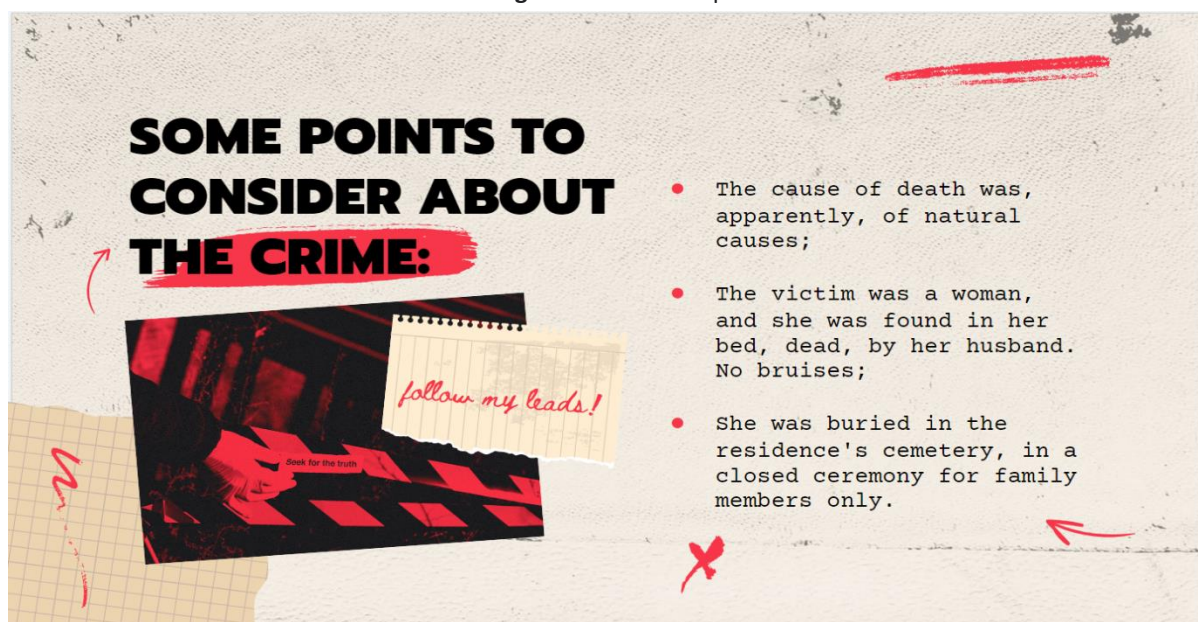
Neste slide, foi apresentada a proposta oficial do caso a ser resolvido, por meio do qual iniciamos a investigação após termos desenvolvido maior conhecimento acerca do funcionamento da dinâmica e deixado a tensão para trás.

Imagem 4 - Primeira informação sobre o caso criminal



Fonte: Elaboração própria.

Imagem 5 - Slide com pistas



Fonte: Elaboração própria.

Já neste, recebemos a primeira informação acerca da história do caso em questão, introduzindo e aprofundando a temática ao trazer o contexto, possibilitando maior conexão e interesse. Nesse momento, foram apresentados alguns pontos importantes a serem

considerados, servindo como fonte para as primeiras teorias sobre o que teria acontecido, de fato.

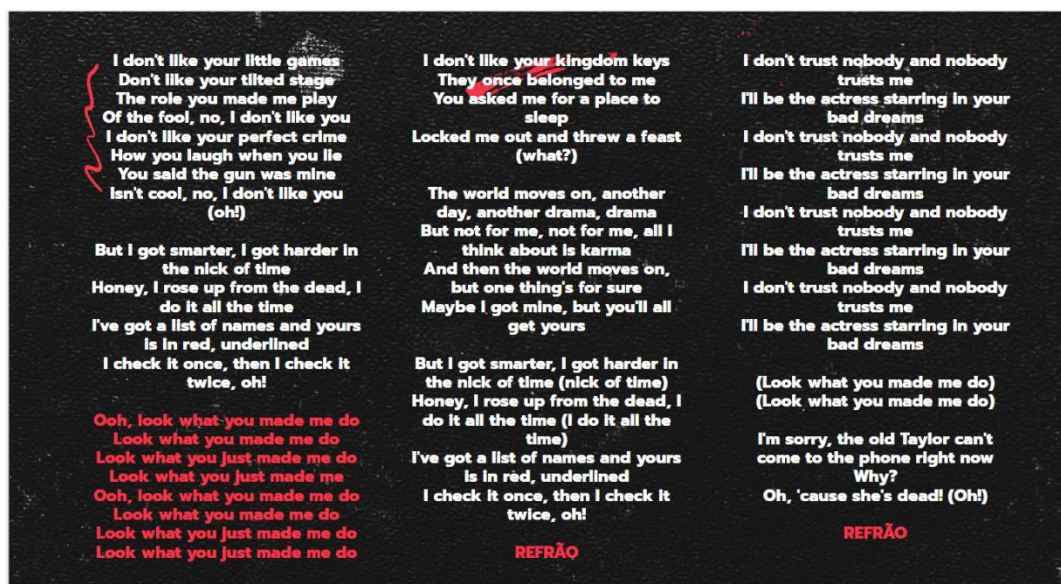
Imagem 6 - Evidência coletada pela polícia



Fonte: Elaboração própria.

Neste, temos a primeira pista coletada pela polícia na época.

Imagem 7 - Letra da canção *Look What You Made Me Do*, da cantora estadunidense Taylor Swift

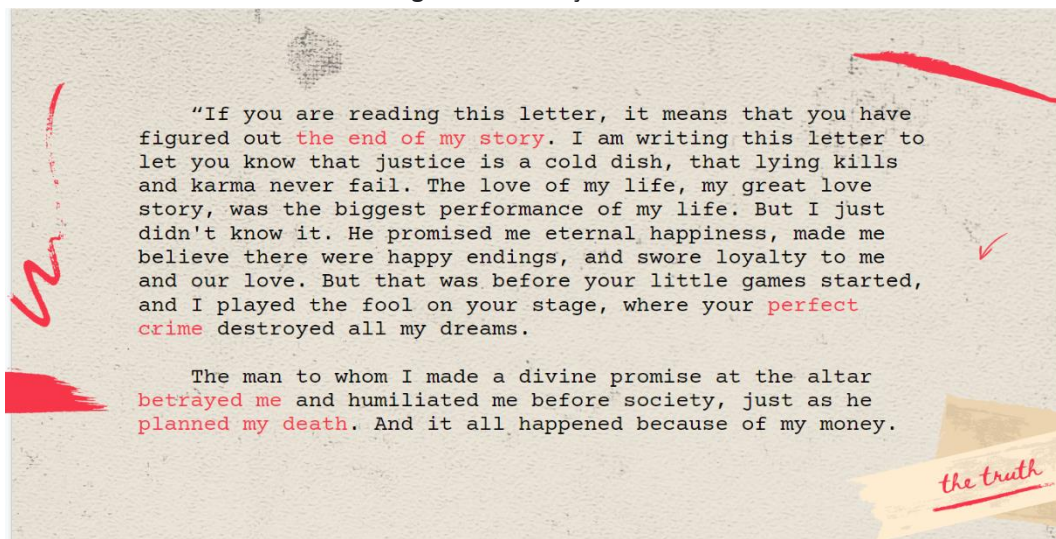


Fonte: Elaboração própria.

Assim que os *agentes* descobriram qual música havia servido como fonte de inspiração para a apresentação, foi feita uma dinâmica com a letra da canção. Após terem visto o clipe — legendado em português —, os estudantes foram divididos em grupos e receberam um envelope que continha a letra da música em trechos recortados, tendo a missão de reconstruí-

la. Ressalta-se que alguns grupos receberam envelopes com partes faltando e outros com partes repetidas, o que impulsionou que todos interagissem e se ajudassem para que conseguissem alcançar o objetivo da dinâmica. Quando todos finalizaram, revisitamos a letra da canção através deste slide.

Imagem 8 - Resolução do crime



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, após um debate sobre as possíveis resoluções do caso, chegamos à parte final da apresentação, por meio da qual os envolvidos puderam saber se estavam certos ou não em relação às suas teorias.

2.2 Avaliação da aplicação das sequências didáticas;

Ao analisarmos tal sequência didática, foi possível identificar pontos positivos e outros a serem aprimorados para a evolução do projeto, sendo este um processo natural na construção de nossas práticas de ensino e aprendizagem. Com isso, na sequência, destacaremos algumas reflexões.

Primeiramente, acerca dos pontos positivos: a ambientação do espaço como recurso potencializador da imersão da experiência; a grande participação e interesse por parte dos estudantes pela dinâmica inicial e a temática escolhida para a apresentação; a interação e conexão gerada pela necessidade de comunicação e cooperação; a leitura/compreensão individual e coletiva ao passo que todos os educandos caminharam juntos e estiveram presentes em cada etapa da construção da apresentação e da narrativa. Ademais, percebeu-se que certos estudantes, que tiveram dúvidas ao fim da apresentação em relação à narrativa da história e/ou compreensão textual, pediram para levar consigo seus envelopes e os de outros colegas, como forma de estudo individual.

Em segundo plano, no que concerne aos pontos de aprimoramento, temos: o tempo não ter sido previamente calculado acabou sendo um empecilho e prejudicou no ritmo da

apresentação — ocasionando que certas partes fossem aceleradas além do necessário e afetando diretamente no aprofundamento e análise da canção.

Portanto, a aplicação da sequência didática demonstra que, certamente, as letras das canções e a língua inglesa formam uma ponte potente com ferramenta didático-pedagógica para o aprendizado e o ensino do inglês, uma vez que, além de possibilitar variadas formas de abordagens e exploração de diversos universos, o processo de aprendizagem se torna mais fluido, leve e agradável, uma vez que integra a identidade linguística da língua-alvo com o mundo do estudante.

Por fim, por meio da recepção da turma, pudemos concluir que, embora haja certos pontos a serem melhor aproveitados, a aplicação da sequência didática obteve uma resposta positiva, maximizando efetivamente a capacidade discursiva e de atuação dos educandos nas diferentes esferas do saber em sociedade.

3 Conclusão

Assim sendo, ao pensarmos no ensino e aprendizado da língua inglesa pelo prisma das canções em inglês, torna-se fulcral a interconexão entre individualidade e conteúdo, haja vista que observamos tal potencialidade em refletir sobre necessidades específicas dos indivíduos como fonte propulsora para a aquisição da língua-alvo de forma significativa e autêntica diante de práticas comunicativas.

Por meio dessa lente, os benefícios do estudo de uma nova língua tornam-se um trampolim não apenas para o crescimento pessoal, profissional ou financeiro, mas também o bem-estar físico, uma vez que utilizamos uma via que impacta diretamente nosso cérebro e possibilita melhorias no humor, no pensamento cognitivo e nas habilidades comunicativas.

Mediante isso, ao analisarmos o modelo de ensino aplicado no país através da BNCC, fomos apresentados a diversos fatores que possuem caráter problemático. O documento em questão defende, por exemplo, a unificação do ensino em busca de um sistema normatizado, o que nos leva à discussão acerca da padronização linguística que ainda é uma realidade em nossa sociedade.

Tais conceitos trazem em seu cerne a ideia da padronização de um modelo convencional de ensino e do “inglês correto” a ser falado, excluindo e limitando os fatores individuais que compõem a identidade de um indivíduo — sendo a língua, sotaque, territorialidade, e outros, como parte desse grupo — em prol de um modelo sistematizado, engessado e que contraria o *status* de língua franca.

Por sua vez, o inglês, além de uma ferramenta de crescimento profissional e propiciar melhor qualidade de vida, também deve ser entendido como um impulsionador individual de crescimento e aprimoramento pessoal, ao possibilitar a interconexão entre indivíduos, culturas e sociedades.

Dessa forma, somos apresentados a Almeida Filho, que disserta em seu livro sobre a essencialidade da comunicação e da metodologia aplicada durante o aprendizado de uma

nova língua. Quando nos voltamos para muitos materiais didáticos de língua inglesa, percebe-se que suas estruturas se baseiam em um sistema padronizado e simplificado, muitas vezes descontextualizados, já que são elaborados sem levar em consideração as situações e necessidades linguísticas locais.

Vale salientar, também, que embora a parte morfológica seja importante para a compreensão da língua, a produção de experiências comunicativas reais é tão relevante quanto, uma vez que incentiva o educando através de situações, nas quais o seu conhecimento seja integrado ao conteúdo em desenvolvimento por meio da construção cooperativa de sentido.

Dito isso, o professor Kumaravadivelu ressalta três pilares indispensáveis quando se trata do modelo proposto para um aprendizado efetivo de uma nova língua: a prática, a possibilidade e a particularidade, deixando para trás o sistema tradicional e engessado ao entender e explorar a língua inglesa como um sistema plural e multiforme.

Nesse sentido, a sala de aula — que deve ser um ambiente confortável e convidativo, de modo a promover a integração e a conexão com a língua, visto que podem ser geradas barreiras psicológicas a partir de experiências traumáticas — deve ser um espaço que promova experiências históricas, políticas e socioculturais que influenciam direta ou indiretamente a educação linguística, considerando e validando a bagagem pessoal de cada discente como ferramenta de auxílio neste processo. Com isso, docentes e estudantes estarão na posição de cooperação e co-exploração da língua e do desenvolvimento do ensino e sua aplicação.

Além disso, Kumaravadivelu enxerga o docente como um dos protagonistas do Pós-Método, uma vez que todo o processo de ensino perpassa por ele, defendendo sua autonomia ao não se prender somente a materiais já consolidados, como, também, a explorar e investigar sua própria prática de ensino.

Acerca das sequências didáticas, recebeu-se uma resposta muito positiva, apesar de alguns pontos que ainda podem ser aprimorados. Em suma, a escolha de uma temática instigante, juntamente com a colaboração da ambientação e a interatividade com a narrativa, possibilitaram maior interesse por parte dos estudantes em se envolverem e participarem da experiência ao ter como objetivo comum a descoberta e a resolução do caso criminal, podendo colocar em prática seus conhecimentos individuais — e criando forças ao se unirem — e adquirir novos por meio da letra da canção ao atingir simultaneamente suas capacidades de escuta, fala e leitura.

Ademais, destaca-se a cooperação entre os educandos como a chave para o bom desdobramento da apresentação, visto que o ambiente confortável criado em sala não apenas gerou o sentimento de coragem e maior vontade de interação com a dinâmica — lendo em voz alta, identificando palavras conhecidas e contextos, discutindo com os colegas etc.—, como, também, promoveu entre os discentes tais inter-relações.

De acordo com esses indicativos, a resposta para a pergunta acerca da efetividade da canção como ferramenta para o ensino e aprendizagem da língua inglesa é extremamente positiva, sendo, também, uma forma de inclusão, diversão e exploração dos elementos que constituem a língua.

Ademais, o processo se torna ainda mais efetivo e vibrante ao passo que consideramos as diferentes particularidades e gostos presentes na sala de aula e buscamos representá-las e torná-las protagonistas do seu próprio ensino ao conectá-las diretamente com o processo.

Com isso, o aprendizado não consiste apenas na relação discente-docente, mas é influenciado e concebido de acordo com todo o processo complexo que vai para além da estruturação formativa educacional, que envolve, entre outras coisas, a bagagem pessoal de cada indivíduo, processos históricos, sociais, culturais etc.

Por fim, com a pergunta: o que você tem na sua *playlist*?, percorremos o desenvolvimento desta pesquisa e, com isso, concluímos que o trabalho com as letras em inglês é uma via poderosa para a potencialização do ensino e aprendizado da língua-alvo, assim como a observação, análise e o respeito dos gostos pessoais refletidos nas *playlists* dos educandos, pois, além de ser uma fonte de relaxamento e diversão, contribuem para que se aprenda de maneira leve, livre e transformadora, permitindo a emancipação linguística dos estudantes envolvidos.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no Ensino de Línguas**. Edição Comemorativa - 20 anos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v. 22).

GERHART, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcel Alvaro de (Orgs.) **A BNCC e o ensino de língua e literaturas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

HUTCHINSON, Tom; WATERS, Alan. **English for Specific Purposes – a learning-centred approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

KUMARAVADIVELU, B. **Toward a Postmethod Pedagogy**. In: TESOL Quartely, Vol. 35, No. 4, Winter 2001, p. 537-560.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Reforma curricular e ensino. In: **A BNCC e o ensino de língua e literaturas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p.23-39.

WHITTEN, Ari. **14 Science-Backed Benefits Of Music Therapy and Sound Healing | How Sound Healing Can Help Increase Your Energy**. [S.l.] [2018?]. The Energy Blueprint. Disponível em: <<https://theenergyblueprint.com/music-therapy-sound-healing/>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

APENAS 5% dos brasileiros falam inglês. **Gazeta do Povo**, 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/apenas-5-dos-brasileiros-falam-ingles-ek15nlmtwge6x2pk5fzohmhpj/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.